UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

23

INSCRIÇÕES 103-107



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1987 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





103

FRAGMENTO DE ARA DE NISA

Гото 103

No final de 1985, casualmente e aquando da abertura de um portal na parede do lado sul do palheiro existente junto ao cruzeiro da Senhora da Graça (Nisa), entre as pedras retiradas da parede identificámos este fragmento (já entregue na Câmara Municipal). Num dos cunhais deste mesmo palheiro, reaproveitada, já antes havia sido identificada a parte superior de uma outra ara (¹).

Este fragmento corresponde à metade (?) inferior de uma ara votiva, de granito e em bastante mau estado de conservação: a base está muito danificada, principalmente nas arestas inferiores; a inscrição, quase apagada, não permite uma leitura segura, mesmo com recurso ao decalque. A moldurar o fuste tem uma pequena faixa com 2 cm de altura, também bastante erosionada; a esta seguia-se um soco nitidamente mais espesso que largo, o que permite supor ter-se tratado de um monumento bastante esguio, para cuja estabilidade se recorria a este artifício.

Dimensões: fuste $(19/22,5) \times 20 \times 12,5/14$; base $11 \times 22,5/23 \times (16/20,5)$.

⁽¹) Foi noticiada por F. Henriques, C. Caninas e A. Henriques, in «Informação Arqueológica», Lisboa 1984, p. 28-33. Posteriormente, foi recolhida sob a orientação de Rogério Carvalho (cf. nota 1 do n.º 106 deste fascículo) e depositada na Câmara Municipal de Nisa. Ao contrário daquilo que inicialmente supuséramos, os dois fragmentos pertencem a monumentos distintos.

Campo epigráfico: $(19/22,5) \times 20$.

 $[\dots] \ QV/[AN]GEO \ V(\textit{otum}) \ / \ A(\textit{nimo}) \cdot L(\textit{ibens}) \cdot [S(\textit{olvit})]$

(...?...) cumpriu de boa vontade o voto a Quange(i)o (?).

Altura das letras: l. 1: (2); l. 2 e 3: 3,5. Espaços: 1: 1 (0 entre Q e O); 2: 1; 3: 9,5.

A leitura não é segura, pelo que a interpretação não deixará de ser duvidosa. Todavia, no que resta da actual l. 1 identifica-se um Q seguido da primeira haste de um V. Na l. 2, nota-se uma haste vertical que poderia pertencer a um N, a que se segue um G (ou um C), este seguido de um E; entre esta última letra e o O que se lhe segue, não há vestígios, como seria de esperar, de um I (o que, de qualquer modo, não invalida a interpretação que fazemos); a última letra, relativamente afastada da que a antecede, é nitidamente um V. Na l. 3, há restos de um A, seguido de um L nítido; o S final está já apagado; notam-se os pontos de separação entre as siglas desta linha.

Assim, embora com algumas reservas, pensamos que se tratará de mais uma dedicatória a *Quangeius*, divindade indígena já identificada noutro monumento desta região (²).

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

⁽²) Em Salavessa (Nisa), próximo da Senhora da Graça, com o epíteto Tanngus (ou Taungus) — cf. José d'Encarnação, Inscrições romanas do corventus Pacensis, Coimbra, 1984, n.º 641 e p. 806. O teónimo identificou-se também, sem epíteto, em dois monumentos do concelho de Penamacor (FE 26 e addenda in FE 10 1984 p. 9).

Numa ara de Capinha (Fundão), para que foi proposta a leitura AMOI(?) (João Luís Vaz, Inscrições romanas do museu do Fundão, «Conimbriga», XVI, 1977, p. 1-32, n.º IV), tivemos oportunidade de confirmar que se deverá ler [Q]VANGE[IO]. É possível que o teónimo se registe igualmente numa ara de Servoy (Verín, Galiza), onde A. Tranoy (La Galice Romaine, Paris, 1981, p. 302) leu I.O.M. GEIO: através de um desenho que nos foi mostrado por José Manuel Garcia, pensamos que se deva ler QVAN/GEIO. Publicámos no FE 22, com o n.º 100, duas outras aras dedicadas à mesma divindade (sem epíteto) achadas no concelho do Sabugal.



Fото 103

ARA DE CAMIRA

Fото 104

Ara de granito róseo, de grão médio, com abundantes feldspatos, recolhida no concelho de Nisa pelo saudoso Dr. José Fraústo Basso, em data e local que não conseguiu determinar. Integra actualmente a colecção que constitui o recheio do futuro museu da Santa Casa de Misericórdia local, onde lhe foi atribuído o n.º 8.

O capitel, separado do fuste por duas faixas directas, apresenta foculus plano, separado a meio por um toro no sentido longitudinal. Ao monumento falta a parte inferior do fuste (talvez houvesse lugar para mais duas linhas de texto) e a base.

Dimensões: $35,5 \times 27,8/23,4 \times 22,8/14,9$.

Campo epigráfico: $21,2 \times 23,6$.

CAMIR/A LOPO/NDI [?] (filia) (?) · IV/[...] /5 [...]

Camira, filha de Lopondo (?)...

Altura das letras: l. 1: 4,2/4,6. l. 2: 4,9/5,3; l. 3: 4,8/5,2. Espaços: 1: 0,3/0,5; 2: 1,3/1,8; 3: 1,2/1,9; 4: 0,9/1,2.

O C não está muito claro e o R também não. De qualquer modo, parece-nos plausível a leitura Camira, dado ser antropónimo que ocorre nesta área da Lusitânia: cf. IRCP 460 (Estremoz) e 624 (Crato). A seguir, a termos em conta o habitual modo de identificação local, virá o patronímico. Acontece, porém, que o nome Lopondus é desconhecido, segundo julgamos saber; a leitura, por outro lado, também não é completamente segura: do P não distinguimos a pança na sua totalidade — poderia ser F com travessão vertical; o D assemelha-se ao O. Por conseguinte, uma interpretação provisória. Após o I do (eventual) patronímico, parece-nos existir uma pontuação (em forma de pequeno V?). Da letra seguinte só temos a haste vertical: poderá ser, portanto, I ou L (esperar-se-ia o F de F(ilia)...); V parece-nos que se

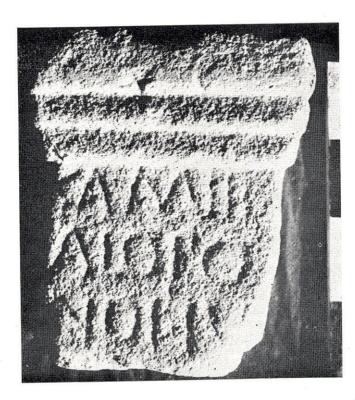
reconstitui sem dificuldade — a haste da direita está mesmo na linha de fractura da pedra. Comparando com a epigrafia da região, e dado que — se fosse inscrição funerária — teríamos aí a menção da idade [ANN(orum)...], é possível que se trate do início de um teónimo, sendo, portanto, esta uma ara votiva. O teónimo continuaria na linha seguinte, reservando-se a l. 5 para a fórmula dedicatória.

Paginação com alinhamento à esquerda. Translineação pouco cuidada: a ser correcta a nossa interpretação, não se têm em conta as sílabas: Camir/a, Lopo/ndi. Caracteres actuários, mal distribuídos espacialmente: M muito largo, L de barra curta quase a pegar na letra seguinte.

Pela forma como se identifica a personagem, é monumento

datável da primeira metade do séc. 1 da nossa era.

ROGÉRIO CARVALHO



Foro 104

ARA ACHADA EM NISA

Гото 105

Ara em granito róseo, de grão médio, recolhida pelo Dr. José Fraústo Basso, que a identificara a servir de cunhal numa casa da Rua de João de Évora, na vila de Nisa. Integra presentemente a colecção museológica da Santa Casa de Misericórdia local, onde está inventariada com o n.º 1.

O capitel encontra-se bastante danificado, mormente na sua parte dianteira. Foi arredondado com a reutilização, ainda se percebendo que estava separado do fuste pelo menos por um toro, nas suas quatro faces. O fuste é um tronco de pirâmide; campo epigráfico muito desgastado, de forma que desapareceu (pelo menos) o começo da l. 2. Base moldurada: toro seguido de garganta encestada com filete reverso; acabamento inferior irregular, sugerindo que essa parte ficaria enterrada. No conjunto, um monumento rude.

Dimensões: $96.8 \times \frac{30.2}{29/33.5} \times \frac{26.1}{24/30}$

Campo epigráfico: $56/56,3 \times 28,2/33,1$.

[...] P/RISC/VS / LVPI (filius)

(...) Prisco, filho de Lupo.

Altura das letras: l. 2: 6,8; l. 3: 6,2/6,7; l. 4: 6,3/7,1. Espaços: 2: 14,3; 3: 2,5/2,8; 4: 1,6/2,3; 5: 16/16,1.

É grande a tentação para interpretarmos V(otum) S(olvit) na penúltima linha. Contudo, parece-nos correcto ler LVPI no final — provável genitivo do antropónimo Lupus — o que nos leva a pensar ser este o patronímico de alguém que se identificaria atrás, em nominativo. A interpretação que sugerimos — PRISCVS — afigura-se-nos viável, apesar do mau aproveitamento do espaço e de tanto o P como o R se distinguirem com dificuldade. Sendo

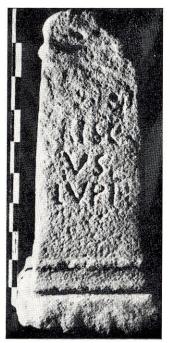
assim, estaríamos perante um texto votivo, muito simples, sem fórmula dedicatória final, com o teónimo indicado no início, porventura em siglas: I. O. M., por exemplo, não seria de estranhar.

Paginação aparentemente sem qualquer espécie de alinhamento, apesar de a penúltima linha sugerir a tendência para um eixo de simetria. Caracteres actuários, levemente inclinados para a direita: L de barra assaz curta, V muito aberto, P de pança esguia.

Tanto *Priscus* como *Lupus* são antropónimos correntes na Lusitânia (¹).

Pela forma de identificação da personagem, optaríamos por datar o monumento da primeira metade do séc. 1 da nossa era.

Rogério Carvalho



Fото 105

⁽¹⁾ Lupus regista-se outra vez no território de Nisa: é o nome do dedicante da ara a Quanceius Tanngus, de Salavessa (cf. IRCP 641). Trata-se de antropónimo frequente em contexto indígena (vide M. Manuela A. Dias, «Conimbriga» 18 1979 213). Priscus é, ao invés, um nome que, na Península Ibérica, normalmente se atesta como cognome, em contexto latino; contudo, temos também exemplos da sua utilização, como nome indígena, na Egitânia (ILER 3475 e 4855) e na região de Salamanca (ILER 2615).

106

ARA VOTIVA DE N.ª SR.ª DOS PRAZERES (NISA)

Гото 106

Ara votiva de granito róseo, com pátina, que serve de lintel na porta virada a norte dum dos edifícios anexos à capela de N.ª Sr.ª dos Prazeres, freguesia e concelho de Nisa (¹).

Cortada tanto no sentido àntero-posterior como do lado direito, a ara tem molduração de três toros seguida de gola encurtada a separar o capitel — bastante alto — do fuste. Este apresenta-se muito desgastado pelos agentes atmosféricos, de forma que a

Em granito de grão médio, dela resta boa parte do fuste e a base moldurada com dois toros (Foto 106.1).

Dimensões: $49.5 \times 19.8/20.5 \times 16.4/16.8$ 23/23.6 20.5/21.

⁽¹) A existência do monumento já foi referenciada — na «Informação Arqueológica» 4 1981 p. 29-30 — por Francisco Henriques, Carlos Caninas e António Henriques, no trabalho de levantamento arqueológico da região a que se dedicaram como membros do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Apresentaram, na circunstância, as dimensões aproximadas da ara e irdicaram as três letras da fórmula final.

Aproveita-se o ensejo para se referir uma outra ara, anepígrafa, assinalada também pelos mesmos investigadores (*ibidem*, p. 30), que esteve, até 13 de Junho de 1986, a servir de cunhal num palheiro próximo desta ermida, propriedade de Francisco Miguens Matutino, e que foi removida para os paços do concelho de Nisa, sob nossa orientação.

leitura é deveras problemática. A molduração da base consta também de três toros. É, no seu conjunto, um monumento muito esguio.

Dimensões:
$$115 \times (24) \times (9)$$

 (27) (16)
Campo epigráfico: $52 \times (24.5)$.

[...] C[...] V[...]/[...]VS · Q/[VAN]/CEI[O][?]/5 TAN[GO] [?] /
$$V(otum)$$
 · $S(olvit)$ · $L(ibens)$ · $M(erito)$

... merecidamente cumpriu o seu voto de livre vontade a Quanceio (?) Tango (?).

Altura das letras: l. 1: 5; l. 2 e 3: 6; l. 4: 5,5/6; l. 5 e 6: 6. Espaços: 1: 6; 2 a 7: 2.

Na verdade, de seguro só a fórmula final, que nos permite garantir estarmos em presença de uma ara votiva — ainda se nota o arranque do M.

Parece-nos que o dedicante se identificaria nas duas primeiras linhas (atendendo ao pouco espaço disponível, deve ser um indígena, identificando-se com um nome apenas) e o teónimo estaria indicado imediatamente antes da fórmula dedicatória. A nossa sugestão é de que se trate de mais um monumento ao deus indígena Quanceius Tanngus, venerado na região (cf. IRCP 641).

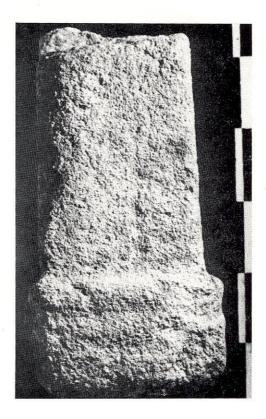
Mas há dificuldades de leitura. No final da l. 2, só vemos parte da curvatura da esquerda da letra, que, por isso, pode ser um C; na l. 3, o N parece-nos plausível mas, antes, há uma mossa e, depois, não é possível saber se existiriam mais letras. Na l. 4, CE afigura-se-nos possível, mas, antes do I, há outra mossa que bem poderia ter levado uma letra; depois do I, há espaço para outra letra. Na l. 5, a primeira letra mais parece um B; A lê-se bem; depois, há dois traços verticais paralelos que até podem sugerir — vendo de outro ângulo — uma leitura completamente diversa da apresentada: algo como BAND, estando AN em nexo — e, nesse caso, teríamos uma divindade do chamado grupo Band-.

As dificuldades excedem, pois, as certezas. Esperámos a melhor obliquidade dos raios solares para uma fotografia mais elucidativa — mas o resultado mantém-se hipotético.

De seguro, afigura-se-nos plausível afirmar que se trata de uma ara dedicada por um indígena a uma divindade pré-romana.

Não dispomos de elementos seguros para atribuir uma datação à epígrafe. O uso da fórmula V. S. L. M. sugere, porém, uma romanização não muito incipiente. Por isso, o séc. 11 da nossa era é hipótese a considerar.

Rogério Carvalho



Гото 106.1

107

O EPITÁFIO DE TONGETA TVLORI F. (NISA)

Foro 107

O monumento foi localizado, ainda em 1982, pelo Dr. José Dinis Murta, no decorrer do levantamento arqueológico do concelho de Nisa, embora o seu estudo só se tivesse concluído em Setembro de 1987 (¹). A sua existência foi dada a conhecer este ano, numas jornadas sobre história local realizadas em Portalegre (²).

Encontrou-se na propriedade chamada Horta do Vale (Albarrol, a norte da Ribeira de Peniche), freguesia de Amieira do Tejo. A sua colocação, fincada firmemente no solo, junto ao «rebolim» (3) de um poço, permitirá relacionar, porventura, o seu achado com a abertura do poço, em data incerta, mas seguramente recuada (4).

⁽¹⁾ O seu estudo só agora foi possível graças à disponibilidade e facilidades concedidas por aquele dedicado investigador da história local e pelo meu amigo Dr. Joaquim Portilheiro e família, de Portalegre.

⁽²⁾ José Dinis Murta — Inscrições romanas do concelho de Nisa: novos achados. Actas do I Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre. Portalegre, 24-27 Setembro 1987. Em publicação.

⁽³⁾ Área sobreelevada e fortemente compactada onde pisa o animal que puxa à nora.

⁽⁴⁾ Na área (parte já xistosa do concelho de Nisa), têm sido detectados materiais arqueológicos (mós, peso de lagar, capitel jónico e fuste de coluna) e, mais recentemente, epigráficos (ara presentemente anepígrafa, árula ilegível) que permitem configurar um ambiente de villae rurais desde o século 1.

Integra o núcleo museográfico da Misericórdia de Nisa (Fundação Lopes Tavares).

Trata-se de uma estela em granito de grão grosseiro, da região. Apresenta frontão triangular bem marcado por uma linha cavada em bisel, que enquadra a inscrição até ao nível da l. 4, do lado esquerdo, e da l. 3, do lado direito. O campo epigráfico resulta sensivelmente trapezoidal e a inscrição acompanha-o; note-se o comprimento das linhas: 1: 26; 2: 29; 3: 35; 4: 36,5; e 6: 30 cm apenas, por deficiência da pedra no final da linha. Campo epigráfico ondulado. Face posterior muito irregular.

Dimensões (5): 72×47 (?) $\times 22$.

 $\begin{array}{c} TONGE/TA \cdot TVLO/RI \cdot F(ilia) \cdot AN(norum) \cdot LX \ (sexaginta) \cdot \\ / \ H(ic) \cdot S(ita) \cdot E(st) \cdot S(it) \cdot T(ibi) \cdot T(erra) \cdot /^5 \ L(evis) \cdot S(?) \cdot \\ T(?) \cdot F(aciendum) \cdot C(uravit \ vel \ -uraverunt) \cdot \end{array}$

Aqui jaz Tongeta, filha de Tuloro, de sessenta anos. Que a terra te seja leve. S... T... tratou (ou trataram) de fazer.

Altura das letras: l. 1: 5,7; l. 2: 5,2 (O = 4,8); l. 3: 6,1; l. 4: 5,2/6 (1.° S = 6,5); l. 5: 6,1 (S = 6,8). Espaços: 1 (até ao topo do frontão): 9,2; 2: 1; 3: 0,8; 4 e 5: 1; 6: pelo menos 27 (5).

O bisel é pouco nítido devido à granulometria do material. Também prejudicada pela qualidade do granito é alguma preocupação decorativa manifesta no alinhamento à direita e à esquerda: no final da última linha, o punctus ficou incluso no C, porque uma grande irregularidade natural da pedra impedia o lapicida de obter o efeito procurado se prosseguisse na «regra». É de notar que a noção de inclusão, como recurso, não lhe era estranha. A pontuação é, no mais, correcta, embora se pontue o fim de linha. Os puncti são circulares, sendo difícil determinar, nalguns casos, se existiu pontuação ou se a depressão foi provocada pelo destacamento de macrocristais da superfície. As terminações das letras são muito perfeitas, o que permite excluir a hipótese de

⁽⁵⁾ A peça encontrava-se ainda parcialmente enterrada no local do achado quando tivemos oportunidade de a estudar; daí o apresentarem-se medidas incompletas.

um nexo $L\overline{XX}$. G aberto e caudato, O quase circular, F acusando influência cursiva, com barra superior encurvada e barra média nitidamente menor.

De *Tongeta* há outros exemplos (6). *Tulorus* ocorre aqui pela primeira vez. As siglas *S.T.* identificam o responsável pelo monumento; nesta fase, parece-nos arriscado propor qualquer interpretação.

Pela tipologia e pelo modo de identificação da personagem, é monumento datável do séc. 1.

A. E. Maia do Amaral



Гото 107

⁽⁶⁾ Na Lusitânia. Cf. ILER: 2407 e 4313, no território olisiponense; 4876 = CIL II 5248, em Lamego (a corrigir, consoante João L. Inês Vaz, Breve Catálogo das Inscrições Romanas de Lamego, Lamego 1983, separata de «Beira Alta», XLI (3) p. 497-526, inscrição n.º II); 3716, na Egitânia; 4339, em Belvis de Monroy (Cáceres). Também se regista em Castro Daire: cf. «Conimbriga» XVIII 1979, p. 143-144 (não é Longeta mas Tongeta).